

# MOVIMENTO *HIP-HOP* DO MUNDO AO LUGAR: DIFUSÃO E TERRITORIALIZAÇÃO

**Nécio Turra Neto**

Prof. do Departamento de Geografia da FCT/UNESP - Membro do GASPERR.  
[necioturra@fct.unesp.br](mailto:necioturra@fct.unesp.br)

---

## Resumo

Apresentamos uma reflexão sobre o movimento *hip-hop* territorializado na cidade de Guarapuava. A intenção é discutir o processo de difusão desta cultura juvenil transterritorial que, localmente, permite a constituição de uma rede de sociabilidade juvenil. A partir da conexão a essa rede, os jovens da periferia podem transpor os limites impostos dos seus territórios periféricos e inserir-se em tramas territoriais mais amplas e complexas na cidade. Dividimos o artigo em três partes: inicialmente apresentamos brevemente a história dos estudos sobre juventudes, como forma de defender a necessidade do diálogo com a Geografia; depois apresentamos uma rápida história da difusão do movimento *hip-hop*, dos guetos da cidade de Nova York até Guarapuava. Por fim, realizamos uma interpretação sobre o processo de territorialização do movimento nesse lugar específico. Assim, esperamos contribuir com a ampliação do escopo do debate dessa temática na Geografia.

**Palavras-Chave:** Juventudes. Movimento Hip-Hop. Territórios.

## Résumé

Nous présentons ici une réflexion sur le mouvement hip-hop et sa territorialisation dans la ville de Guarapuava-PR. L'intention est discuter du processus de diffusion de cette culture que, localement, permet la création d'un réseau de sociabilité des jeunes. Dès leur connexion à cette réseau, les jeunes des banlieue pauvres peuvent dépasser les limites de ses territoires périphériques et gagner la ville. Nous avons divisé l'article en trois parties: d'abord nous avons présenter l'histoire de les études de la jeunesse comme un moyen de défendre la nécessité d'un dialogue avec la géographie; ensuite nous présenterons un bref historique de la propagation du hip-hop, dès les ghettos de New York jusqu'à Guarapuava. Enfin, nous avons effectuée une interprétation du processus de territorialisation du mouvement dans un lieu spécifique. Ainsi, nous espérons contribuer avec l'expansion de la discussion de ce sujet dans la Géographie.

**Mots Clé:** Jeunesse. Mouvement hip-hop. Territoires.

---

## Introdução

São muitas as referências sobre o movimento *hip-hop* no Brasil. É possível dizer, inclusive, que desde a segunda metade da década de 1990, ele tem sido o movimento juvenil mais estudado no país, em vários campos disciplinares, em pesquisas nem sempre publicadas.

Pelos trabalhos pesquisados, algumas ideias força impõem-se para o entendimento da história e da definição do movimento *hip-hop*. A primeira delas é sua inserção numa trajetória mais ampla, que remonta à diáspora africana pelo mundo e às formas musicais desenvolvidas pela cultura negra, ao longo do tempo. Observando trajetória mais recente, alguns autores estabelecem uma linha de continuidade entre o *soul*,

o *funk* e o *rap*, outros dão mais ênfase ao *ska* e ao *reggae* jamaicanos. Em todo caso, foram múltiplas as fusões que originaram a música *rap* (elemento musical da cultura *hip-hop*).

Uma segunda ideia força é que o *hip-hop* é uma forma que os jovens negros encontraram de expressar a experiência da segregação socioespacial e de construção de uma identidade alternativa e afirmativa que, justamente, por elaborar a “experiência da exclusão”, pôde se difundir por várias periferias do mundo, a partir de jovens com experiências similares.

A terceira ideia, particularmente importante para esse trabalho, é a importância da dimensão espacial na compreensão do *hip-hop*, enquanto fenômeno urbano. Esta dimensão praticamente se impõe na consideração das tramas tecidas pelos integrantes do movimento na cidade, expressas por: relação centro/periferia; afirmação do bairro; demarcações territoriais e tensões que daí decorrem. Também não é raro, nos estudos, a discussão da relação entre o global e o local, na difusão do movimento, segundo a qual haveria não uma homogeneização cultural, mas um processo de relativização da cultura global pelo local. Ideias de desterritorialização e reterritorialização também são comuns.

Como geógrafo, seria possível tecer algumas críticas a esses textos, quanto ao emprego de termos espaciais sem a devida preocupação conceitual. Contudo, a discussão da espacialidade da cultura *hip-hop* se faz sem muitas das ambiguidades encontradas em outros trabalhos sobre juventudes, que também incorporam essa dimensão analítica. Todavia, é preciso considerar que a territorialização do movimento *hip-hop* tem uma maior complexidade, que envolve trânsitos e redes que abarcam toda a cidade e conduzem à produção de novas formas territoriais, nem sempre consideradas nos estudos.

Nossa intenção, aqui, é apresentar uma reflexão sobre o movimento *hip-hop* que encontramos na cidade de Guarapuava/PR<sup>1</sup>. Nesta pesquisa, investimos em duas frentes distintas e complementares. A primeira, voltada à reconstituição da trajetória histórica do movimento na cidade, no seu processo de aterrissagem, territorialização e formação das redes de sociabilidade. A segunda, dedicada ao estudo das redes e territorializações presentes na cidade, no momento da pesquisa

<sup>1</sup> O estudo do movimento *hip-hop*, em Guarapuava, é parte da nossa tese de doutorado, desenvolvida na UNESP de Presidente Prudente, na qual estudamos também diferentes gerações na cidade, bem como o movimento *punk*. A tese intitula-se: Múltiplas Trajetórias Juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade e está disponível em <http://www.fct.unesp.br/#704,2006>.

(entre os anos de 2006 e 2007). Na primeira frente, realizamos um conjunto de entrevistas com pessoas consideradas precursoras, ou antigas no *hip-hop*, e com jovens que ainda fazem o movimento na cidade<sup>2</sup>. A segunda frente, por sua vez, foi conduzida a partir da observação participante, acompanhando o cotidiano de dois grupos de *rap*, durante cerca de seis meses, sobretudo, aos finais de semana. Foi a partir do conjunto dessas informações, de natureza qualitativa, que construímos as considerações teóricas presentes neste artigo.

Num primeiro momento, é fundamental apresentar a história das juventudes e do pensamento sobre elas, para evidenciar e justificarmos as aproximações possíveis desta temática com a Geografia. Na sequência, apresentamos a trajetória histórica do movimento *hip-hop*, dos guetos de Nova York ao Brasil, como forma de mostrar a difusão desta cultura juvenil pelo mundo, até sua chegada a Guarapuava. Por fim, segue a reflexão desenvolvida sobre o processo de formação, territorialização e sobre as tensões que envolviam o movimento *hip-hop* de Guarapuava no momento da pesquisa. A partir dessas reflexões, esperamos contribuir com a ampliação do escopo do debate sobre juventudes na Geografia, bem como com o debate sobre a espacialidade inerente às juventudes contemporâneas, pela apresentação de uma possibilidade concreta de pesquisa.

## Estudos Sobre Juventudes e a Geografia

Vários esforços foram feitos, nas Ciências Sociais, para tentar cercar esse escorregadio “objeto” de estudo, desde quando, no início do século XX, a juventude ganhou visibilidade no espaço público, por meio de alguns aparecimentos destoantes da ordem. Pela leitura que procuramos fazer da história da tradição de estudos sobre juventude, é possível dividi-la em dois momentos, que poderíamos denominar de universalista e particularista.

No primeiro momento, teríamos esforços de compreensão do fenômeno juvenil, marcados pela

<sup>2</sup> As perguntas das entrevistas giraram em torno da trajetória biográfica de cada um, da forma como descobriram o *rap* e o movimento *hip-hop* e como foram conhecendo as pessoas que hoje são do movimento, articulando-se as redes de sociabilidade presentes na cidade. Por isso, o trabalho final seguiu desenhando trajetórias, mostrando contextos socioespaciais específicos em que o *rap* e o movimento *hip-hop* encontraram terreno para florescer, evidenciando conexões, em diferentes escalas, no quadro da cidade. Foram entrevistadas cinco pessoas históricas no movimento, dois grupos de *rap*, um *grafiteiro* e um grupo de *break*.

busca de uma definição de juventude, que pudesse abarcar a totalidade das manifestações e dos atores jovens (ainda que a referência empírica tenham sido grupos juvenis, que ganharam maior visibilidade). Os conceitos e as formas de tratamento da temática, que derivaram daí, estavam contaminados por, basicamente, dois tipos de sentimento. De um lado, certo pânico moral diante das manifestações juvenis, encaradas como ruptura da ordem e da continuidade social; de outro, certa esperança de que a juventude poderia representar uma renovação da sociedade (inspirado em ABRAMO, 1997).

Ainda que tais estudos - clássicos - mereçam as críticas que lhes foram dirigidas, é importante reconhecer que houve avanços, no sentido de buscar o que seria comum a essa “fase de vida”, marcada por transformações de ordem biológica e psíquica e que tem suas próprias “pulsões”, sendo uma das mais relevantes para nosso interesse, a “pulsão gregária” (inspirado em MAFFESOLI, 1987), uma necessidade em estar entre iguais, entre pessoas da mesma idade, em ser conhecido e reconhecido por esse círculo, que vai além da família e que é escolhido pelo jovem, como parte do processo de ganhar autonomia.

O segundo momento, mais contemporâneo, busca reconhecer a pluralização da juventude, tanto que tende a empregar o termo no plural – juventudes. A preocupação tem se deslocado para as “formas de ser jovem”, muito mais do que para a busca de uma definição de juventude que possa ser generalizável (DAYRELL, 2005).

Tentando acompanhar a diversificação do cenário juvenil, alguns autores (DAYRELL, 2005; CARRANO, 2002, 2003; PAIS, 2000) voltaram-se à consideração dos contextos socioespaciais específicos em que as juventudes acontecem, como forma de compreender, por abordagens do cotidiano, via de regra, de caráter etnográfico, as diversas tramas das vivências juvenis e suas particularidades. É justamente nesse contexto que os estudos de juventudes ganham uma preocupação com a espacialidade das culturas juvenis, visto que tem buscado falar do bairro, da cidade, dos trajetos e territórios vividos e produzidos pelos/as jovens, nas suas vivências culturais, práticas de sociabilidade e trajetórias de passagem para a vida adulta<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> É importante que se diga que o momento particularista não desconsidera a existência de parâmetros universais, ligados à fase de vida, que marcariam as juventudes. O que se procura chamar a atenção é para o fato de que o “ser jovem” é uma experiência que ganha contornos particulares, conforme o contexto socioespacial e conforme as referências culturais assumidas nessa fase.

Esta “virada espacial”, resultado da própria história concreta de difusão e pluralização da condição juvenil<sup>4</sup>, carece ainda de uma perspectiva da Geografia, visto que o espaço, apesar de ser valorizado, tem sido tomado, via de regra, como um dado não problemático das pesquisas, como se ele fosse auto explicável, apenas por ser mencionado. Nesse sentido, os estudos deixam de explorar todas as possibilidades que a consideração crítica do espaço poderia trazer (SMITH, 2000; MASSEY, 2000; 2008). Assim, temos defendido a necessidade de maior precisão conceitual, no emprego de termos como lugar, território, espaço, bairro, cidade, bem como a incorporação, nos estudos sobre juventudes, de uma abordagem sobre a produção do espaço urbano, como forma de compreender a cidade não só como um contexto para a vivência juvenil, mas como um campo de possibilidades para que essa vivência aconteça de certa forma e não de outra. Em outros termos, reconhecer que o “onde se está” é fundamental para compreender o “como se está” e entender que o “onde se está” é resultado de uma produção histórica e social.

Massey (2008) chama a atenção para o fato de que, quando as Ciências Sociais se voltam para uma abordagem contextualizada, tendencialmente, passam a se colocar questões espaciais. É aí que podemos situar certa “virada espacial” nas Ciências Sociais, que voltam-se ao bairro, ao lugar e ao território, como forma de captar a multiplicidade de sujeitos, a diversidade de vozes, numa tentativa de tensionar abordagens e conceitos mais generalizadores, que dominavam as Ciências Sociais até bem pouco tempo.

Para avançar nesse debate, que está longe de ser esgotado, pretendemos apresentar aqui uma das possibilidades de incorporar a temática das juventudes no âmbito da Geografia e, ao mesmo tempo, oferecer uma contribuição nossa à reflexão da espacialidade das juventudes, qual seja: o estudo de uma cultura juvenil urbana, acompanhando sua trajetória de chegada até um *lugar* específico e o seu processo de *territorialização* pretérito e atual<sup>5</sup> nesse lugar (pela constituição de uma rede de sociabilidade em torno dos seus referentes). Nossa intenção é considerar a complexificação das

<sup>4</sup> Para uma maior detalhamento desta história de difusão da condição juvenil e de como esta difusão orientou a emergência de um preocupação cultural, que desdobrou-se numa maior preocupação espacial, nos estudos de juventude, consultar, dentre outros, Abramo (1994) e Turra Neto (2010).

<sup>5</sup> Essa proposta de estudos não é nenhuma novidade no âmbito das pesquisas sobre juventudes, haja vista o trabalho do próprio Dayrell (2005), o que é, contudo, uma novidade é o olhar geográfico sobre a questão, procurando tratá-la com maior rigor conceitual.

formas territoriais pelos trânsitos na cidade, pelas novas conexões que a cultura possibilita aos jovens que aderem a ela e perceber, nessas possibilidades abertas, ao mesmo tempo processos de *desterritorialização* e de produção de novas territorialidades, muito mais que um simples movimento de desterritorialização (acompanhando a sugestão de HAESBAERT, 2004). Ao mesmo tempo, procuramos entender o *lugar* concreto em que esse processo se realiza, pois as formas territoriais e a dinâmica da cultura localizada lhe são tributárias. A ancoragem empírica foi o movimento *hip-hop* que pesquisamos na cidade de Guarapuava/PR.

### Breve História do Movimento Hip-Hop<sup>6</sup>

Movimento *hip-hop*<sup>7</sup> foi o nome dado ao encontro festivo, no espaço e tempo das ruas do Bronx (Nova York), nos anos de 1970, entre manifestações de dança, música e *grafite*, dos jovens negros e hispânicos. Essas manifestações, que reunidas formaram o movimento *hip-hop*, tem suas próprias trajetórias históricas e ocorriam, até então, de forma independente. Em comum, tinham e ainda tem a sua vinculação com a juventude negra e pobre e a sua definição de cultura de rua que, aliás, passaram a ser características definidoras do próprio movimento *hip-hop*.

A manifestação musical do movimento *hip-hop* é o *RAP* (*rhythm and poetry*). É por meio dela que o movimento pôde ser inserido na trajetória histórica de resistência dos negros, desde a diáspora africana, até as lutas contra a discriminação racial, na qual a afirmação cultural através da música sempre foi um elemento importante<sup>8</sup>. O *Rap* é o elemento que alinhava os demais numa cultura e num movimento social.

Para Rose (1997), o *hip-hop* representou, no início, a construção de um espaço de diversão em meio à decadência urbana de uma cidade em crise, apresentando a visão juvenil da experiência da marginalização social nesse contexto. Nova York, nos anos de

<sup>6</sup> Para uma história mais detalhada da emergência e difusão da cultura hip-hop, com foco na sua territorialização na cidade de São Paulo e de Guarapuava, no Paraná, além das referências aqui citadas, vale a pena uma consulta à Turra Neto (2008).

<sup>7</sup> *Hip-Hop* tem sido traduzido como saltar mexendo os quadris.

<sup>8</sup> Rose (1997) critica essa vinculação apressada à tradição oral dos negros da diáspora africana, argumentando que o *rap* tem um valor em si mesmo, é parte da cultura maior do movimento *hip-hop* e suas origens devem ser contextualizadas nas condições históricas concretas da cidade pós-industrial de Nova York e nas fusões culturais que se processaram no gueto do Bronx.

1970, passava por profundas transformações. A cidade deixava de ser industrial para ser predominantemente prestadora de serviços, deixava de ter maioria branca para ter maioria multicultural, resultado da crescente imigração. Além disso, a cidade decretou falência, na segunda metade da década, o que significou corte de serviços públicos, crise de habitação, atingindo, sobretudo, as famílias negras e hispânicas pobres.

Foi nesse contexto que o *hip-hop* se gestou, pelo encontro dessas diferentes culturas (ROSE, 1997; FÉLIX, 2005). O que começou como festa e diversão, sem que se perdesse essa dimensão, foi tomando, aos poucos, um caráter mais politizado, num contexto de luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos. Afrika Bambaataa, um dos *DJs* que emergiram nessa cena, é tido como o responsável pela inserção do conteúdo político no movimento *hip-hop*, difundido a ideia de que as disputas entre as gangues, que infestavam o Bronx, deveriam ser resolvidas, não pela violência, mas por competições de música, dança e pintura (FÉLIX, 2005).

Foi, então, a partir da constituição de uma cultura de rua e de um movimento, que a geração mais jovem do Bronx pôde elaborar formas de identidade alternativas àquelas que lhes eram impostas<sup>9</sup>. O *hip-hop* surgiu, então, como uma identidade afirmativa da condição de negros e pobres, articulada à linguagem das modas e das ruas – no sentido de construção de um estilo total – e às tecnologias próprias de um novo fazer musical<sup>10</sup>. Nesse sentido, é possível fazer aproximações não só com a ideia de que o *hip-hop* representou uma transcendência em relação a uma identidade imposta, pela construção de uma identidade afirmativa, mas também com a ideia de “território imposto” (HAESBAERT, 2004), no sentido de uma territorialização imposta por um poder externo ao grupo social. Quando negros e hispânicos foram realocados no Bronx, por uma política urbana segregacionista, eles não tiveram poder de escolha nem de controle sobre a constituição desse seu novo território. Os jovens, diante desse território que lhes conferia um isolamento socioespacial, uma

<sup>9</sup> A ideia de “identidade imposta” vem de Bauman (2005, p. 44), para quem a identidade é um fator poderoso de estratificação social. Num pólo, ele localiza aqueles que podem articular e desarticular identidades à sua própria vontade, escolhendo entre um leque de opções crescentemente global. No outro pólo, estão aqueles para quem a escolha identitária é negada, que “[...] se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam [...]”.

<sup>10</sup> Lindolfo Filho (2004) dá especial atenção para o “*mix musical*” que se realizou no Bronx, na origem do *rap*.

estigmatização territorial, um controle da sua circulação mediante a ação policial<sup>11</sup>, acabaram por produzir um território de resistência e de afirmação cultural, a partir do qual puderam renegociar a cidade. Uma nova cultura juvenil que, como muitas outras que emergiram na Inglaterra e nos Estados Unidos, na mesma época, também foi apropriada e difundida pela indústria cultural, tornando-se transterritorial.

Como a define Lindolfo Filho (2004), o *hip-hop* é uma cultura inventada por jovens afroamericanos, a partir da influência de afrojamaicanos, que hoje é reinventada em várias periferias do planeta.

Em cada lugar, em contraposição a um território e uma identidade impostos por outros, o *hip-hop* tem permitido a elaboração da experiência da exclusão socioespacial, de forma a constituir identidade afirmativa e novas formas territoriais, pela conquista da cidade, da qual os jovens pobres são constantemente banidos.

Como definiram Rocha, Domenich e Casseano (2001, p. 20) “[...] o hip-hop, com um alcance global e já massivo, é uma nação que congrega excluídos do mundo inteiro”. Nesse sentido, como tantas outras culturas juvenis transterritoriais, o *hip-hop* permite identificação em diferentes contextos urbanos e nacionais, pelo reconhecimento tanto de experiências similares, quanto da legitimidade das formas de expressão dessas experiências.

A difusão do movimento *hip-hop* representou também a sua diversificação, afinal, cada contexto socioespacial o realizou, de acordo com os recursos e informações disponíveis.

## Hip-Hop no Brasil

No Brasil, a aterrissagem do *hip-hop* deu-se numa conjuntura de afirmação da população de origem negra no contexto urbano, que já tinha, por si mesma, uma longa trajetória, como bem a descreveu Félix (2005).

Vivia-se o período da ditadura militar, mesmo assim, chegavam algumas informações sobre o movimento negro norte americano, de luta pelos direitos civis e de afirmação de identidade. As informações, contudo, chegavam de forma fragmentada, por diversos canais, como jornais, revistas, indústria fonográfica e mesmo por algumas pessoas que viajavam aos Estados Unidos e lá tinham contato diretamente com a efervescência cultural e política daqueles que, desde os anos de 1960, definiam-se não mais como negros, mas como afroamericanos.

<sup>11</sup> Para Haesbaert (2004), quando o território é construído por outros e imposto ao grupo, ele passa a ser sinônimo de desterritorialização.

O lado mais festivo desse movimento chegava com mais facilidade, via indústria fonográfica. Foi a época em que apareceram, nas grandes cidades do país, os famosos bailes *black*, já como um fenômeno especificamente juvenil, animados a *soul* e *funk*.

Os *Bailes Black*, nos anos de 1970, permitiram uma sintonia entre os jovens negros e negras dos grandes centros urbanos brasileiros, com as modas e debates que aconteciam nos Estados Unidos. Diferentemente dos movimentos de afirmação racial anteriores, os bailes colocavam a dimensão festiva no centro do processo de construção identitária e podem ser considerados um movimento marcadamente juvenil. A música *black* que chegava, trazia consigo um estilo total, que se estendia às roupas, aos cortes de cabelo e às formas de dançar.

Nesse contexto, os elementos da cultura *hip-hop* encontraram um meio propício para aterrissarem e florescerem. As equipes de som (sobretudo, em São Paulo) que surgiram em torno dos bailes *black*, tornaram-se pequenas gravadoras e produtoras musicais. Foram as responsáveis pela formação do público consumidor e pela preparação do terreno para o *rap* (AZEVEDO, SILVA, 1999; FÉLIX, 2005; DAYRELL, 2005).

A equipe Zimbabwe, com seu selo Zambeze, organizou um concurso de *rap*, em que os melhores gravaram o LP “Consciência Black”, em 1988, no qual apareceu a primeira música do grupo de *rap* Racionais MC’s, chamada “Pânico na Zona Sul”. Esta música denunciava a atuação de “justiceiros”, na morte violenta de jovens da periferia, a mando de comerciantes. Ela foi um marco, pois representou o primeiro *rap* brasileiro ao estilo *gangsta*<sup>12</sup> (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001; FELIX, 2005), que deu origem ao que se chama de *rap* consciente, o estilo que viria a predominar no Brasil, justamente pela influência do grupo Racionais MC’s. Tendência que também chegou dos EUA, a partir do que se chamou de “segunda geração” do *rap* norte americano<sup>13</sup> (SILVA, 1999).

Para Haag (2008), depois do lançamento dos Racionais MC’s, apareceu a ideia de um *rap* mais politizado e da politização do próprio movimento, no Brasil. A partir daí, o movimento expandiu-se, até sur-

<sup>12</sup> *Gangsta rap* é um estilo de *rap* com batidas mais pesadas e com letras que abordam crimes ligados a drogas, brigas de gangue, violência policial. Alguns de seus nomes lendários foram: Tupac (2Pac) e Notorius BIG, ambos morreram vítimas da violência que denunciavam e que se fazia presente em seu cotidiano (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001; FÉLIX, 2005).

<sup>13</sup> Um grupo importante dessa segunda geração é o Public Enemy, grande influência sobre o *rap* paulistano do começo dos anos de 1990 (SILVA, 1999).

gir a primeira *posse*<sup>14</sup>, o Sindicato Negro, sediada na Praça Roosevelt. Foi o início do movimento *hip-hop* no Brasil, pois deu ligação orgânica ao *rap*, *break* e *grafite*, dispersos em diferentes grupos pela cidade<sup>15</sup>.

No início dos anos de 1990, mais de dez discos foram gravados, mas ainda para um público muito restrito, que não ultrapassava a Grande São Paulo. Somente em 1993, quando o grupo Racionais MC's gravou as músicas "Fim de Semana no Parque" e "Homem na Estrada", que fizeram grande sucesso, é que o grupo de *rap* paulistano ganhou projeção nacional, preparando o caminho para a grande explosão de 1997, com o CD "Sobrevivendo no Inferno", que vendeu 500 mil cópias. Também entre 1997-98, os Racionais MC's ganharam o prêmio de melhor *vídeoclip* do ano, na MTV (GUIMARÃES, 1999; ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001). Foi quando o *rap* e o movimento *hip-hop* conheceram uma maior difusão para várias outras cidades brasileiras.

Isso não significa que não houvesse *rap* no Brasil fora de São Paulo e antes dos Racionais. Herschmann (2005) fala do movimento *hip-hop* do Rio de Janeiro e Dayrell (2005) do movimento em Belo Horizonte. Também nessas cidades, o processo de aterrissagem foi parecido e deu-se paralelamente e sem contato com o que acontecia em São Paulo, com influência do movimento *hip-hop* derivado dos Estados Unidos. A partir do fenômeno Racionais<sup>16</sup>, São Paulo se tornou o principal pólo irradiador da cultura *hip-hop* do país (HERSCHMANN, 2005; DAYRELL, 2005) e passou a ser a grande referência do *rap* nacional, que se tornou mais influente que o *rap gringo*.

É nessa trajetória que é possível situar o movimento *hip-hop* de Guarapuava, a partir da difusão, inicialmente, do *rap gringo* e do *break* e, depois, consolidando-se por meio da difusão do *rap* paulistano.

Contudo, antes de entrar nesse assunto, dois pontos são ainda importantes de destacar, intimamen-

<sup>14</sup> Conforme Rocha, Domenich e Casseano (2001), *posse* pode ser definida como associação local de grupos ligados ao movimento *hip-hop*, sejam eles de *break*, *grafite* ou *rap*, com o objetivo de reelaborar a realidade conflitiva da periferia, por meio da cultura e do lazer. As *posses* visam o aperfeiçoamento artístico e a divulgação da cultura *hip-hop*, além da ação política e social no contexto do bairro.

<sup>15</sup> Esta *posse* teve vida curta, mas serviu de estímulo à proliferação das *posses* por várias periferias da capital paulista.

<sup>16</sup> É importante frisar que, apesar de ser o mais proeminente, o Racionais MC's não é o único grupo de *rap* paulistano a ganhar projeção nacional. Depois da sua difusão e, mais recentemente, o *rap* nacional ganhou nomes de outros lugares, mas São Paulo ainda permanece como forte pólo irradiador dessa cultura juvenil, à escala de Brasil.

te ligados às ideias força, identificadas na literatura, quando se analisa o movimento *hip-hop* em geral. O primeiro refere-se à relação global/local no quadro do *hip-hop* e aos processos de desterritorialização e reterritorialização envolvidos na difusão do estilo; o segundo, aos significados da cultura e do *rap* para os jovens e as jovens que nela se engajam.

Conforme argumenta Herschmann (2005, p. 214), o *hip-hop* (assim como o *funk* – também objeto do seu estudo) ao mesmo tempo em que integra os jovens a um mundo cada vez mais globalizado, desterritorializando-os, permite com que esses mesmos jovens elaborem "valores, sentidos, identidades", que reafirmam localismos, territorializando-os. Além disso, permite aos jovens constituírem novas formas de movimentos sociais, pois, "as negociações e tensões, a afirmação de diferenças e as hibridizações parecem vir garantindo visibilidade, vitalidade e algum poder de reivindicação a estes jovens".

Assim, é possível dizer que a partir da cultura *hip-hop*, jovens conseguem reelaborar localmente a leitura da sua situação socioespacial e construir espaços de autonomia, tanto em relação à estrutura social que lhes impõe identidade e território, quanto ao próprio universo adulto, pela afirmação da sua especificidade juvenil. Ao mesmo tempo, reposicionam-se na cidade e em relação ao jogo de oposições, que lhes confere material para construção identitária. É, nesse sentido, que a adesão ao estilo não pode significar apenas desterritorialização, mas a produção de uma nova territorialização, que transpõe os limites do bairro e que conecta jovens de diferentes pontos da cidade, em torno do estilo, em uma configuração territorial reticular, cuja escala abarca toda a cidade.

E é por oferecer um quadro a partir do qual a experiência da exclusão social pode ser reelaborada, em diferentes contextos – e nos planos identitário e territorial –, que o movimento tem sido definido como uma "cultura popular em tempos de globalização" (GUIMARÃES, 1999).

Para Haag (2008), a partir do *hip-hop*, vemos emergir novos sujeitos do discurso, que se inserem no processo de produção de seus próprios bens e referências culturais. Sujeitos que conquistaram maior autonomia e que tem feito da transposição dos espaços segregados e "invasão" da cidade oficial, uma ação política. O *hip-hop* oferece aos jovens possibilidades de articular uma diversão genuína, que é, ao mesmo, tempo uma denúncia da sua condição.

Diante dessa potência transgressora do movimento *hip-hop*, é muito comum na literatura, autores e autoras estabelecerem uma relação empática com

o *hip-hop*, por identificarem nele um novo movimento social que pode conduzir à inserção positiva do jovem pobre e, geralmente, negro, na sociedade, através da cultura. Um movimento que porta em si potencialidades de uma transformação social mais ampla. Nesse sentido, há um grande investimento utópico nos discursos acadêmicos sobre o *hip-hop*.

Poucos trabalhos, contudo, voltam-se ao cotidiano e procuram reconhecer as incertezas, ambiguidades e fragilidades dessa cultura juvenil, no contexto das tensões provocadas pela própria condição de vida dos/as jovens, e as múltiplas relações que estabelecem nos seus contextos socioespaciais concretos<sup>17</sup>. É, nesse sentido, que fizemos a leitura do movimento *hip-hop* de Guarapuava, como, enfim, passamos a apresentar.

### **Hip-Hop, Lugar<sup>18</sup> e Território<sup>19</sup> em Guarapuava**

Guarapuava possuía, no ano de 2000, 155.161 habitantes urbanos<sup>20</sup>. A cidade situa-se no centro do Paraná, numa das regiões mais empobrecidas do estado. Entre os anos de 1970 e 1980, a cidade conheceu um *boom* no crescimento da sua população urbana, que passou da casa dos 40 mil habitantes para a dos 80 mil. Essa população, vinda do campo e de municípios vizinhos – devido à modernização da agricultura, que desagregou o universo agrário em que viviam –, concentrou-se, sobretudo, nas periferias, pouco servidas de equipamentos coletivos e, no mais das vezes, desarticuladas em relação ao centro da cidade.

<sup>17</sup> Há que se salientar que Dayrell (2005) trabalha a partir da vivência cotidiana da cultura *hip-hop*, acompanhando diferentes grupos de *rap* de Belo Horizonte. Seu trabalho inspira muito essa pesquisa. Também Rocha, Domenich e Casseano (2001) salientam as ambiguidades da experiência juvenil do *hip-hop*, no contexto socioespacial da periferia. Ambos os textos sabem que o estilo não resolve uma das questões básicas colocadas a esses/as jovens: a questão da sobrevivência econômica. Reconhecem também a situação de liminaridade em que muitos vivem, em contato cotidiano com o mundo do crime, das drogas e da violência.

<sup>18</sup> O conceito de lugar aqui está amplamente inspirado em Massey (2000; 2008), para quem o lugar é um feixe eventual de conexão de redes de relações, de diferentes escalas, que se intersectam, mas continuam em processo, de forma que novas conexões são sempre possíveis.

<sup>19</sup> O debate sobre território de Haesbaert (2004) é o que, predominantemente, inspira este trabalho, pois aponta a possibilidade de constituição do território no movimento, em rede, a partir de uma experiência de “multiterritorialidade”, em “múltiplos territórios”. Tais termos são definidos pelo autor com vistas a se contrapor ao atual discurso da desterritorialização. Para ele, não existe desterritorialização que não produza uma nova territorialização. Dai, seu esforço para pensar as novas formas territoriais que emergem atualmente.

<sup>20</sup> Conforme o Censo Demográfico do IBGE de 2000.

Foi, no seio dessa população, que teve nas periferias pobres o único espaço aberto à sua territorialização urbana, que o movimento *hip-hop* encontrou condições de possibilidade em Guarapuava, afinal, ele é a “crônica da periferia”. As novas gerações surgidas, nesse contexto socioespacial, também tiveram acesso à referências transterritoriais de outros tipos, via meios de comunicação de massa, fazendo com que se pluralizassem em diversos estilos de vida e em diferentes redes territoriais de sociabilidade. O movimento *hip-hop* foi apenas mais um, mas, talvez, o que mais afirma e reelabora, discursivamente, a condição periférica dos/as jovens, problematizando a estrutura socioespacial em que estão inseridos.

Assim, nessas diversas periferias, vimos emergir, desde o início dos anos de 1990, fagulhas do movimento, de forma que o *hip-hop* aconteceu em Guarapuava a partir de vários contextos de gestação paralelos, no espaço, e sucessivos no tempo, no mais das vezes sem a menor ligação entre si.

Como uma cultura que tem na mídia um importante canal de difusão, no lugar, qualquer um lhe pode ter acesso, sem necessitar das mediações de um “ponto de aterrissagem” localizado. Via de regra, o processo se deu pelo contato com um elemento da cultura e a formação de uma rede de sociabilidade de vizinhança, pela qual os/as jovens, no mais das vezes em grupo, articulam-se à rede mais ampla, que abrange toda a cidade.

Pela trajetória que tivemos acesso<sup>21</sup>, é possível dizer que, inicialmente, uma incipiente informação que chegava pela mídia, ainda muito descontextualizada, permitiu a afirmação da condição juvenil e da negritude de um grupo de jovens - parentes, amigos e vizinhos -, por apresentar uma forma de vivência juvenil a qual eles poderiam ter acesso, com os recursos que dispunham, como a dança e o basquete de rua; ambos ligados à imagem da afirmação do jovem negro dos guetos de Nova York, bem como a do “ser moderno”.

<sup>21</sup> Como o movimento *hip-hop* é muito espalhado pelas periferias e marcado pela fragmentação interna, é possível pensar que a trajetória a que tivemos acesso, pelas entrevistas e observação participante, seja apenas uma entre várias que se constituíram na cidade – e que não chegaram a se articular, na formação de um movimento unificado. A trajetória a que nos referimos surgiu numa rua de bairro periférico de Guarapuava (o Jardim Pinheirinho), no início da década de 1990. Todas as trajetórias biográficas, que acessamos pelas entrevistas, descobrimos o *rap* e o *hip-hop* por canais os mais diversos e, mais cedo ou mais tarde, acabaram articulando-se àquela rede inicial. É possível identificar, contudo, que esta trajetória teve mais de um desdobramento.

Pelos relatos, essa informação chegava deslocada do seu conteúdo político. Inicialmente, a dança do *break* não estava ligada à consciência da luta pelos direitos dos negros – o que chegaria, sobretudo, a partir da difusão do *rap* paulista, por meio de canais alternativos à grande mídia. Esse grupo de vizinhos, amigos e familiares, todos da mesma idade, ficava pela rua dançando, ou se apropriava das quadras de esporte da escola, do bairro e de bairros vizinhos, para a prática de basquete e para escutar aquele novo som que, quando chegou, ainda era o *rap gringo*.

A rua, as quadras de esporte públicas ou abertas a esses jovens, constituíram-se, então, nos “terminais de conexão” iniciais (CARRANO, 2002), nos quais outras trajetórias, individuais e de grupos, somaram-se. As pistas de *skate* do centro da cidade e as escolas dos bairros periféricos também podem ser assim identificadas. Esses diferentes espaços passaram a ser conectados também por outros jovens, que foram se agregando àquela rede inicial, cuja referência era sempre a música *rap*, a dança *break* e, num primeiro momento, também a prática do *skate*<sup>22</sup>.

Ao mesmo tempo, em outros contextos de escola e de bairro, pequenos grupos de *rap* começaram a surgir, ainda sem contato com aquela rede de sociabilidade inicial. Foi pelo encontro nos terminais de conexão centrais, que amizades e parcerias foram sendo constituídas e que uma ampla rede de sociabilidade foi sendo tecida à escala de toda a cidade.

Há o caso de um jovem que, expulso da escola do seu bairro periférico, viu-se obrigado a estudar no centro, onde logo também conseguiu um emprego. Foi nessa escola que descobriu e se identificou com o *rap*. No seu bairro, formou um grupo de *rap*, com um amigo/vizinho e com o irmão mais novo, a partir do qual articulou-se à rede mais ampla que se constituía na pista de *skate* do centro. Ali conheceu os outros grupos que haviam se formado em contextos diferentes e que também convergiram para aquele terminal de conexão.

Em relação a esta trajetória biográfica, a partir do debate sobre territorialização desenvolvido por Haesbaert (2004) e por Herschmann (2005), é possível afirmar que, se, num primeiro momento, em relação ao trabalho e à escola, poderíamos considerar esse jovem em trajetória de desterritorialização, a descoberta do *rap* permitiu, ao mesmo tempo, uma reterritorialização, sob novas bases, na sua própria periferia, pela leitura

<sup>22</sup> O *skate* foi importante referência no começo do movimento *hip-hop* em Guarapuava. Referência que não foi mais importante para as novas gerações que aderiram ao movimento, já durante os primeiros anos do século XXI.

crítica da realidade e afirmação do lugar em que vivia (o que é uma marca registrada do *rap*) e a constituição de uma nova territorialidade, em rede, no espaço urbano mais amplo, como passaporte para uma vivência especificamente juvenil da cidade.

E são muito diversificados os trajetos, de vida e de cidade<sup>23</sup>, que conduziram jovens ao *hip-hop* e as redes de sociabilidade em torno dele. A partir dessas novas conexões, que a rede de sociabilidade em torno do *hip-hop* conheceu em Guarapuava, é que aquela trajetória inicial pôde se estender para muito além de si mesma, continuando mesmo depois que seus precursores adentraram no mundo adulto e deixaram o *rap* e o movimento em segundo plano<sup>24</sup>.

Diante desse quadro, tão rapidamente esboçado, podemos discutir algumas questões que julgamos pertinentes para refletir sobre a espacialidade/territorialidade dessa cultura juvenil. Importante chamar a atenção que essa discussão está bastante colada ao esforço de compreensão da realidade empírica estudada e, portanto, não tem nenhuma pretensão de generalização, ainda que possamos encontrar semelhanças com movimentos de outros contextos e, por isso, também não seja tão original quando gostaríamos, visto que inspirada nas leituras de Dayrell (2005), sobre o movimento de Belo Horizonte e de Herschmann (2005), sobre o movimento do Rio de Janeiro.

Uma primeira questão refere-se às relações entre proximidade e distância, entre bairro e cidade e entre o território contínuo e o território em rede (para trabalhar com as imagens de HAESBAERT, 2004; e SOUZA, 2001), que são elaboradas pelos jovens, ao aderirem à cultura *hip-hop* e começarem a tecer suas redes de sociabilidade, tomando-a como referência.

Num mundo em que parecem se dissolver as relações baseadas na contiguidade territorial e se afirmarem as relações baseadas na conectividade, em redes de comunicação e relacionamento, a cultura *hip-hop* parece afirmar a importância da vizinhança, como campo inicial de eleição de redes de amizades e de referências culturais especificamente juvenis. A escola do bairro, para os grupos de *rap* entrevistados, foi o primeiro importante terminal de conexão da rede, pelo qual o amigo e a

<sup>23</sup> Esta idéia de que os trajetos na cidade são, em muitos aspectos, definidos pelos trajetos que se projeta para a vida, vem de Castro (2004).

<sup>24</sup> Para Dayrell (2005), a principal crise que atinge os jovens ligados a culturas juvenis como *funk* e *hip-hop* não se situa na passagem da infância para a juventude, mas quando precisam adentrar no mundo adulto e abandonar a cultura juvenil – que foi um dos poucos tempos e espaços de autonomia que conheceram. Também nesse campo é possível identificar processos de des-re-territorialização.

referência musical foram descobertos. A partir daí, em tempos e espaços fora da escola e do eventual trabalho, essa rede primária se reunia para escutar música, para conversar, para combinar saídas do bairro, para os espaços de diversão mais amplos da cidade. Esse momento inicial de elaboração da cultura é acompanhado, também, do estabelecimento de fronteiras simbólicas em relação aos adultos próximos – família, professores e padrões -, bem como em relação a outros jovens do bairro, como aqueles que envolvem-se em gangues de rua, disputam territórios pelo próprio bairro e realizam enfrentamentos, no bairro e no centro. Mas é também um momento de aproximação com outros jovens, que vão sendo descobertos, pela escola e pelo bairro, como tributários dos mesmos signos de identificação.

É a partir dessa rede primária que os jovens tiveram, então, o suporte necessário para ampliar as relações à escala da cidade, conectando-se a outras trajetórias, cujo critério de elegibilidade já lhes era informado pela cultura *hip-hop*. É quando esses jovens passam a fazer parte do movimento mais amplo e a reconhecer seu pertencimento em relação à trajetória que historicamente se desenhou na cidade.

Como estamos tratando de um processo bastante dinâmico, conexões e reconexões seguem acontecendo, no bairro e na cidade, visto que novas gerações aderem continuamente ao *hip-hop*, mas também porque a própria cidade tem sua dinâmica, derivada da produção do espaço urbano. O movimento *hip-hop* também continua sua trajetória histórica global e, localmente, segue produzindo-se com os recursos disponíveis e com os diálogos e contradições que sua presença suscita, nesse particular contexto urbano.

Uma segunda questão que merece destaque, intimamente ligada à primeira, refere-se ao movimento de des-re-territorialização que a cultura *hip-hop* provoca. Se reconhecemos que o processo de passagem da infância à juventude envolve, entre outras coisas, a passagem de uma sociabilidade mais restrita à família e aos trajetos e projetos que a família propõe (para aqueles/as jovens cuja família é uma presença forte), para uma sociabilidade mais autônoma, em tempos e espaços mais amplos, desenhando outros trajetos e projetos, podemos admitir que a adesão ao movimento *hip-hop* significou uma desterritorialização, em relação aos territórios traçados e conhecidos na infância, em decorrência de uma nova territorialização, talvez a primeira territorialização mais autônoma desses jovens.

Contudo, como já exposto, em relação especificamente à vizinhança, a pesquisa evidenciou que o *hip-hop* não significou uma ruptura, mas um reforço desse vínculo socioespacial. Articular-se à rede mais ampla da cidade,

para o jovem do *hip-hop*, tem se dado, via de regra, a partir da rede de sociabilidade primária, territorializada no bairro e, de certa forma, estar nas Praças do centro, nos *shows* de *rap*, em grupo, é levar o referente territorial do bairro consigo. Além do mais, o *rap* é também uma afirmação da condição periférica do grupo, que é expressa, comunicada e denunciada nas letras, de modo que a identidade territorial é referente forte na cultura *hip-hop*. Uma identidade juvenil transterritorial que reelabora um pertencimento territorial concreto, transmutando um referente de estigma em um referente positivo.

É assim que vemos uma cultura transterritorial global produzir efetivas interferências no plano do lugar, pela emergência de novos sujeitos políticos que, investidos de uma identidade que lhes confere um novo posicionamento sociopolítico e espacial na cidade, entram em diálogo e em conflito no quadro localizado das negociações por poder e por espaço.

Nesse sentido, importante destacar que, o trânsito promovido pelo movimento entre o território do bairro periférico e os diversos territórios conectados pela cultura *hip-hop*, no espaço mais amplo da cidade, não se dá de forma tranquila. Como vimos, politicamente, significa transpor os limites dos espaços segregados e inserir-se nas tramas juvenis de registro público (para trabalhar com a imagem que nos oferece DIÓGENES, 1998). Uma desterritorialização em relação aos territórios que lhes foram impostos e um esforço por reterritorializarem-se nos espaços dos quais normalmente são excluídos. Uma subversão que não se dá sem confronto... Como elaboramos em outro momento:

[...] a polícia tem atuado no sentido de mantê-lo no quadro do esperado. Tensiona a autonomia conquistada ao circularem e constituírem seus territórios no amplo espaço da rua, impondo restrições e limitando o território dos/as jovens pobres, aos exíguos espaços domésticos. A insistência em circular, em estar no espaço público, em estar com a *banca* na rua, é lida pelos policiais como uma afronta à ordem pública e como vagabundagem, como se ao/a jovem pobre só fosse permitido estudar, trabalhar e ir à igreja, em outros termos, uma territorialização marcada pelo trajeto casa-escola-trabalho; e nunca viver a juventude entre seus pares, em tempos e espaços de lazer, seja na vila ou no centro. É, assim, que a polícia atua reforçando o “território imposto” e os trajetos, de vida e de cidade, que se espera desses jovens. Nesse sentido, é importante lembrar Dayrell (2005), quando afirma que o a juventude ainda é um direito a ser conquistado para boa parte dos jovens e das jovens da periferia (TURRA NETO, 2009, 140-41).

Por fim, no que se refere à emergência de novos sujeitos político no local, vale lembrar que, ao longo da trajetória do movimento *hip-hop* em Guarapuava, houve esforços no sentido de promover uma organização efetiva do movimento, por meio de associações, pelas quais os jovens pudessem dialogar com o poder público local, expressando suas reivindicações e buscando espaço e estrutura para seus eventos. Foi assim que o apoio da Prefeitura Municipal ao movimento, seja para a realização de eventos, seja para a elaboração de ações, ganhou um peso importante na trajetória localizada do *hip-hop*.

Tal envolvimento acabou por sujeitar o movimento *hip-hop* às oscilações da conjuntura do jogo político local. Certos grupos políticos da cidade viram no movimento um importante aliado eleitoral, no sentido de, por meio dele, atingir jovens da periferia. Diante desse interesse, alguns membros do movimento, e mesmo pessoas que, apenas, auto denominaram-se do *hip-hop*, viram aí uma possibilidade de auferir ganhos pessoais, sejam relacionais, políticos ou mesmo econômicos. Membros que apropriaram-se das redes de sociabilidade do *hip-hop* e as acionaram para atingir objetivos que, na maior parte das vezes, permaneceram obscuros para a grande maioria dos envolvidos. Tais práticas foram objeto de intensos dissensos dentro do movimento e acabaram por contribuir para sua fragilização, ao mesmo tempo em que permitiu a articulação de jovens da periferia às tramas da política local.

Assim, se o *hip-hop* reposicionou jovens da periferia da cidade como novos sujeitos políticos no lugar, o diálogo com grupos de poder, que se constituíram ao longo da trajetória histórica da própria cidade, foi contaminado pelas formas arcaicas de fazer política, em vigor naquele tempo/espaço, desdobrando-se em interferências sobre o desenrolar da trajetória local do movimento, com todos seus conflitos e contradições.

Dessa forma, o movimento *hip-hop* tem atuado, hora mais, hora menos ativamente, na produção do próprio lugar em que aterrissou, mudando trajetórias e projetos dos jovens, mas também interferindo na própria produção, concreta e simbólica, do espaço urbano, tanto pela sua territorialização, quanto pela sua interlocução com os grupos políticos locais. O que evidencia que as culturas transterritoriais não tomam as cidades em que se territorializam como meros contextos do seu acontecer localizado, mas sim que o lugar oferece um campo de possibilidades para este acontecer, ao mesmo tempo em que se transforma com a nova territorialização que passa a comportar.

## Referências Bibliográficas

- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, p. 25 – 36, mai/dez, 1997.
- AZEVEDO, A. M. G.; SILVA, S. S. J. da. Os sons que vêm das ruas: a música como sociabilidade e lazer da juventude negra urbana. In: ANDRADE, E. N. de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. p. 65 – 81.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005. 110 p.
- CARRANO, P. C. R. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Damurá: FAPERJ, 2002. 233 p.
- \_\_\_\_\_. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003. 180 p.
- CASTRO, L. R. de. *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Humanitas, 2005. p. 21 – 44.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- FELIX, J. B. de J. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, São Paulo, 2005.
- GUIMARÃES, M. E. A. Rap: transformando as fronteiras da periferia. In: ANDRADE, E. N. de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. p. 39 – 54.
- HAAG, C. Quem não sabe dançar improvisa: hip-hop oferece aos jovens da periferia a chance de existência social. *Humanidades*. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/index.php?art=3416&bd=1&pg=1&lg>, acessado em 28 de janeiro de 2008.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395 p.
- HERSCHMANN, M. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005. 302 p.
- LINDOLFO FILHO, J. Hip hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. da S. (org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidade*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 127 – 150.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. 244 p.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social* (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, novembro de 2005.

\_\_\_\_\_. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo (USP), v. 35, p. 191 – 203, 1992.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

\_\_\_\_\_. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176 – 185.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. *Hip-Hop – a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 157 p.

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMANN, M. (org.). *Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 190 – 213.

SILVA, J. C. G. da. Arte e educação: a experiência do movimento hip-hop paulistano. In: ANDRADE, E. N. de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999. p. 23 – 38.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção da escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 132 – 175.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social* (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, 5 (1-2), p. 161 – 178, 1993/94.

TURRA NETO, N. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. 2008. 516 fl. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008. Disponível em <http://www.fct.unesp.br/#704,2006>.

\_\_\_\_\_. Punk e Hip-Hop na cidade: territórios e redes de sociabilidade. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, p. 121 – 154, 2009.

\_\_\_\_\_. Geografia das juventudes: uma pauta de pesquisa. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. B. C. de (ORG.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 85 – 97.